

BARBOSA, Maria Lucivania de Lima; HADERCHPEK, Robson Carlos; MARQUES, Larissa Kelly de Oliveira. **Teatro de grupo no Cariri cearense: uma tendência para criações compartilhadas**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Mestranda Maria Lucivania de Lima Barbosa do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas; Orientadora Larissa Kelly de Oliveira Marques; Co-orientador Robson Carlos Haderchpek. Bolsista CAPES. Integrante do Coletivo Atuantes em Cena.

RESUMO: A presente pesquisa investiga o processo de formação e manutenção de grupos de teatro na região do Cariri cearense na última década, e focaliza a forma como esses grupos vêm construindo suas poéticas cênicas, algo que tem se dado numa relação de compartilhamento de saberes, desejos e formação de um pensamento político, filosófico e social que reflete o próprio fazer artístico. Para discutirmos essa questão, consideramos a prática de três grupos de teatro: o Coletivo Atuantes em Cena, a Trupe dos Pensantes e a Cia. Engenharia Cênica. Esses três grupos se estabelecem numa relação do fazer teatral pelo viés processual, o que alarga as possibilidades do compartilhamento de saberes ligados a criação cênica. A tendência à criação compartilhada encontra no movimento de teatro de grupo no Brasil, uma referência necessária para a compreensão dos agrupamentos teatrais em todo o país, inclusive no Cariri, que além de seguir esse modelo nacional, também se configura a partir de uma representatividade própria do movimento teatral da região, sobretudo pela chegada, na última década, do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Regional do Cariri-URCA e pela ampliação dos espaços culturais na região. Por fim, a pesquisa analisa a necessidade ligada ao artista de criar seu objeto cênico numa relação genuinamente grupal, desembocando num movimento teatral feito pela troca entre os conhecimentos dos integrantes, que colaboram para a criação cênica.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de criação, Criação compartilhada, Teatro de grupo.

ABSTRACT: The present research investigates the process of formation and maintenance of theater groups in the Cariri region of Ceará in the last decade and focuses on the way these groups have been building their scenic poetics, something that has taken place in a relationship of sharing knowledge, desires and formation of a political, philosophical and social thought that reflects the artistic making itself. To discuss this issue, we consider the practice of three theater groups: the Collective Acting in the Scene, the Troupe of the Pensantes and the Company Engineering scenic. These three groups establish themselves in a relation of theatrical doing through the procedural bias, which widens the possibilities of the sharing of knowledge linked to scenic creation. The trend towards shared creation is found in the group theater movement in Brazil, a necessary reference for the understanding of theater groups throughout the country, including in Cariri, which, in addition to following this national model, is also shaped by its own representativeness theatrical movement in the region, above all due to the arrival in the last decade of the Degree in Theater at the Regional University of Cariri-URCA and for the expansion of cultural spaces in the region. Finally, the research analyzes the need for the artist to create his scenic object in a genuinely group relationship, leading to a theatrical movement made by the exchange between the members' knowledge, who collaborate for the scenic creation.

KEYWORDS: Creative process, Shared creation, Group theater.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de mestrado da autora Lucivania Lima, em comunhão com sua orientadora Larissa Marques e co-orientador Robson Haderchpek dentro do programa de pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. A pesquisa focaliza na prática de atuação de encenadoras que exercem mais de uma função na construção cênica dentro dos grupos de teatro que integram. Para o desenvolvimento desse artigo focaremos na ideia de grupalidade como espaço de fruição artística e compartilhamento entre os saberes ligados a criação. Para tanto, temos como referencial a bibliografia que aborda a temática sobre o teatro que se faz em grupo, e a análise de entrevistas realizadas às encenadoras que integram os grupos abordados aqui, além de seus diários de bordo, portfólios e matérias publicadas sobre os coletivos.

Sob o sol a pino e o vento trazido da chapada do Araripe, os artistas da região do Cariri, no interior do Ceará, erguem suas moradas. São fortes, com sangue no olho e cheios de afetos, cheios de vontade de desbravar e conhecer o mundo, e de reafirmar o seu lugar. O cariri tem sol e tem vento, tem verde e tem seca, tem tradição e contemporaneidade, tem dança, teatro, música, artes visuais, tem grupos. Os grupos de teatro que abordaremos ao longo dessa escrita, são representantes de um movimento teatral que reconhece na região do Cariri o seu lugar.

Além do lugar, outras características também são comuns entre esses grupos, tais como a manutenção de um corpo ativo que cuida da gestão do mesmo, construindo ideologicamente a história do grupo. Outra prática comum diz respeito a criação de espetáculos pelo viés processual, possibilitando que os integrantes interajam na feita cênica exercendo a sua autonomia diante da proposta criativa e compartilhando saberes.

O Coletivo Atuantes em Cena, a Cia Engenharia Cênica e a Trupe dos Pensantes configuram um panorama de grupos recém-formados, ou recém-chegados no Cariri (até dez anos de existência). Esses grupos, interessados em fazer teatro pelo compartilhamento de ideais, de afetos e de desejos, constroem suas poéticas espelhados em dois movimentos distintos, um diz respeito ao movimento de teatro

de grupo no Brasil, que provocou a formação de novos pensamentos sobre o fazer teatral e influenciou a prática de agrupamentos em todo o país, e o outro movimento está ligado à própria região do Cariri na última década, sobretudo com a chegada do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Regional do Cariri- URCA, e a abertura de Centros Culturais e programas de incentivo às artes do lugar, o que intensificou a formação de novos grupos na região.

Essa discussão nos levará a conhecer os grupos Coletivo Atuantes em Cena, Cia Engenharia Cênica e Trupe dos Pensantes como representantes de um movimento que busca horizontalizar as relações entre os integrantes, e levanta questões de como a estrutura desses grupos interferem nos processos de criação do mesmo, possibilitando que os artistas envolvidos construam seus olhares para o processo com autonomia nas relações estabelecidas.

1.PREMISSAS DO TEATRO DE GRUPO

Existem de fato premissas que determinam o que seja o teatro de grupo? Ou cada organização grupal estabelece o seu funcionamento por vias próprias? O teatro de grupo que se faz no interior do Ceará é igual ao teatro de grupo do sul do país? A nomenclatura e os elementos ligados a ela dão conta da diversidade de possibilidades cênicas originárias de grupos de pessoas que se reúnem em prol da criação?

Ao estudar o Coletivo Atuantes em Cena, a Cia Engenharia Cênica e a Trupe dos Pensantes percebemos que cada grupo, apesar das tantas especificidades que os ligam, tem sua organização própria, pensa e se movimenta artisticamente de formas distintas. Nesse sentido, não nos cabe aqui tecer uma descrição estanque do teatro de grupo, mas é necessário reconhecer que algumas designações são recorrentes na grande maioria dos integrantes de coletivos teatrais que escolhem essa via como fruição artística.

Os artistas se organizam em grupos pela necessidade do encontro com outros artistas. O encontro aflora tanto questões pessoais como questões de cunho mais gerais, que partem de vontades e pensamentos convergentes. Aparentemente a ideia de coletivo parece ser mais necessária que a ideia de individual no teatro de

grupo, mas essas duas instâncias são necessárias mutuamente, tanto o coletivo necessita do individual para estabelecer um discurso próprio dos indivíduos presentes, como o individual também está sempre em movimento pelas questões coletivas.

O autor Fernando Rocha (2017), também pensando sobre a ideia de individual e coletivo, considera o teatro de grupo como um *corpo-conjunto*, pois as individualidades são postas, confrontadas e afetadas em prol de um projeto artístico comum entre os indivíduos:

Entendendo o grupo teatral como um *corpo-conjunto* estável composto por uma *união decorpos afins*, encontramos nessa configuração de *comunidade de corpos*, a devida união de potências para a concretização de um projeto artístico comum entre indivíduos. Uma vez que, grupalmente a possibilidade de amparo, de incentivo e de correspondência para a manutenção de um mergulho em profundidade em processos investigativos, ao menos a princípio, se mostra munida de mais recursos humanos, quer dizer, de mais do que apenas uma só pessoa unindo esforços para tal empreitada (ROCHA, 2017, p.21).

As empreitadas enfrentadas pela “união decorpos afins” estão para além da criação de espetáculos no teatro que se faz em grupo, esses artistas se unem para produzir e firmar suas posturas políticas perante as questões mais gerais da sociedade. A partir disso compreendemos o porquê de os coletivos resistirem por longos anos juntos, pois o tempo é necessário para que as individualidades presentes possam comunicar uma mesma língua. Faz-se necessário lembrar que, por vezes, há um núcleo fixo nesses coletivos, que define a ideologia daquele grupo de teatro, mas esse mesmo núcleo fixo também trabalha com artistas convidados no desenvolvimento de projetos artísticos específicos.

Esse tipo de estrutura possibilita que os integrantes exerçam suas autonomias no grupo e estejam continuamente envolvidos com a manutenção do mesmo, o que diz respeito tanto a produtividade de espetáculos, como a própria gestão que entende o grupo como espaço de trabalho. Para isso, os integrantes além de desenvolverem suas funções como artistas, também, por vezes, como é o caso dos três grupos que estamos apresentando aqui, acabam construindo olhares múltiplos sobre a produção do grupo em determinados espaços sociais. Nesse sentido, os mesmos integrantes que montam um espetáculo, assumindo funções como encenadores, atores, figurinistas, dentre outras funções, também aprendem a produzir o grupo em outras

instâncias, seja submetendo projetos a editais de incentivo às artes, procurando patrocínios, fechando pautas, contabilizando o caixa do grupo, criando e recriando estratégias de manutenção do grupo e quando possível da sede que esses habitam.

Enfim, há um “jogo de cintura” para a realização de projetos nesses coletivos, o que, possibilita que os artistas dilatem suas percepções para um olhar mais geral daquele movimento artístico.

Diante de tudo, o teatro de grupo carrega em si a necessidade de criação/produção ancorada na ideia de compartilhamento, e isso está presente nas práticas que vem sendo construídas grupalmente a partir da segunda metade do século XX. Naquele período o Brasil vivia um processo de modernização do movimento artístico, e buscava novas perspectivas sociais, políticas e culturais.

O processo de modernização da cena brasileira teve como elemento decisivo a formação de elencos estáveis e buscaram um teatro que fosse diferente da cena romântica que predominava nos nossos palcos. Este movimento surgiu a partir da atividade dos grupos amadores que, despreocupados, com o negócio do espetáculo criticaram as formas espetaculares baseadas nos elencos chefiados pelos atores “divos” (CARREIRA. 2016, *s/p*).

Esses grupos, inconformados com o regime de gosto estabelecido, buscaram novas alternativas para cena teatral, e influenciaram as posteriores produções artísticas, sobretudo dos anos sessenta e setenta, quando a livre expressão teatral é perseguida pela Ditadura Militar e os grupos se fortificam dentro de um esquema bem articulado dos movimentos sociais e do discurso político.

Pela questão do forte poder de opressão presente na sociedade naquele período, os grupos estabeleceram a quebra de qualquer possibilidade de hierarquia dentro de seus movimentos artísticos, por esse motivo os artistas se pronunciaram dentro de uma configuração “coletiva” para construção cênica, de modo que todos, enquanto processo criativo eram responsáveis pela criação de tudo no espetáculo. Nesse sentido quando falamos de criação coletiva neste momento específico, não consideramos apenas a relação de junção entre pessoas em prol do fazer teatral, mas essa especificidade está ligada diretamente a forma como a criação cênica se dá, como bem especifica o autor nas palavras que seguem:

Portanto, no limite, não havia mais um único dramaturgo, mas uma dramaturgia coletiva, nem apenas um encenador, mas uma encenação coletiva, e nem mesmo um figurinista ou cenógrafo ou iluminador, mas uma criação de cenário, luz e figurinos realizada conjuntamente por todos os integrantes do grupo. (ARAÚJO, 2011, pág. 132)

Tendo passado os anos de chumbo, os anos oitenta e noventa reestabeleceram novas necessidades para cena teatral, os grupos no Brasil deslocaram o “campo político para o terreno mais claramente artístico”, mas sem perder de vista as questões sociais e a ideia de autonomia, além da independência enquanto movimento artístico que se faz conforme seu desejo e necessidade.

A atenção dessa nova geração de grupos se voltou para espaços de experimentação, especialmente do ator, elencando a noção de “grupalidade” como forma de estrutura de organização e geração do trabalho criativo, a sede, que durante a década de 1970 era vista como espaço de interação comunitária, torna-se um lugar propício para o treinamento e para reuniões voltadas para a articulação de seus projetos artísticos e pedagógicos enquanto grupo (ROCHA, 2017, p.40).

Outra mudança nos processos criativos de muitos grupos, sobretudo no eixo Rio-São Paulo se dá nas relações estabelecidas enquanto criação, os artistas passam a colaborar com a criação do espetáculo como um todo, mas mantendo suas funções:

Todos os integrantes, apesar de comprometidos com determinado aspecto da criação, precisariam engajar-se numa discussão de caráter mais generalizante. Em outras palavras, o ator não criaria apenas a personagem nem o iluminador criaria somente o seu projeto de luz, mas todos eles, individual e conjuntamente, criariam a obra cênica total levada a público. (ARAÚJO, 2011, pág.134)

Cotidianamente as possibilidades de teatro de grupo são diversas, seja no eixo Rio-São Paulo, ou no interior do Ceará. Há grupos que estão mais espelhados nas práticas daqueles coletivos que se originaram nos anos sessenta e setenta, há outros mais ligados a prática colaborativa quando inseridos na criação, como é o caso da Cia Engenharia Cênica e do Coletivo Atuantes em Cena, há grupos que se enveredam pelos movimentos comunitários em áreas periféricas, constituindo quase uma ideia de militância sobre determinadas causas sociais, como é o caso da Trupe dos Pensantes. Há, pois, tantos outros grupos e tantas especificidades ligadas a eles, que não seria possível detalhar aqui, mas segundo André Carreira (2016) algumas características os ligam insistentemente e fazem com que essas práticas se tornem mecanismo de autonomia, identidade e resistência.

Partindo da ideia de autonomia, identidade e resistência, o item que segue, focaliza a formação dos grupos Coletivo Atuantes em Cena, Trupe dos Pensantes e Cia

Engenharia Cênica, e verifica suas formas de atuação, trazendo para discussão aqui presente a ideia de compartilhamento de saberes ligadas às criações cênicas dentro dessa esfera maior, que é o grupo de teatro.

2. CRIAR UM GRUPO E COMPARTILHAR AFETOS

O Cariri, sempre foi rico culturalmente e habitado por diversas manifestações artísticas. Na última década e talvez um pouco antes disso (considerando a abertura do Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri- CCBNB em 2006) a produtividade artística no lugar se intensificou e também se diversificou. Esse movimento se deu pela abertura de espaços culturais, como o CCBNB citado acima, o Teatro Patativa do Assaré na Unidade Sesc Juazeiro em 2008, e principalmente pela abertura de cursos superiores na região, como o curso de Licenciatura em Artes Visuais e Licenciatura em Teatro na Universidade Regional do Cariri-URCA em 2008 e Licenciatura em Música na Universidade Federal do Cariri-UFCA em 2009.

Esse movimento trouxe para a região um fluxo contínuo de pessoas e de artistas, de todas as partes do país, que escrevendo no Cariri a sua história, também imprimiram nos artistas daqui, percepções múltiplas, que modificaram e amplificaram as possibilidades de manifestações artísticas. No caso do teatro há um movimento interessante na relação com o fazer teatral nos grandes centros. No período que compreende mais especificamente os anos noventa e parte dos anos dois mil foi forte nessa região a prática de grupos que desenvolviam seus trabalhos à luz da dramaturgia, além de terem como figura central do grupo a imagem do encenador, além de tudo, a comédia sempre foi um lugar bastante acessado pelos artistas da região. Enquanto isso como bem se pôde notar anteriormente, nos grandes eixos, sobretudo Rio-São Paulo, os artistas estavam deslocando o olhar para a criação que se estabelecia dentro do processo, inclusive até mesmo enquanto criação dramática, sendo que essa se desenvolvia ao longo dos ensaios.

Pensando nesse paradigma que distingue, em grandes linhas, os modos de produção teatral, vemos que o Cariri foi reconstruindo, e se perfazendo, pelas relações que os artistas criavam com o que vinha de fora. Dizemos reconstruindo e não quebrando, porque o movimento teatral simplesmente vai ganhando configurações díspares conforme o tempo passa, sem, necessariamente haver um

rompimento brusco para as mudanças. Nesse sentido, ainda existem grupos que trabalham no modelo apresentado no parágrafo anterior, mas houve também, a criação de novos coletivos que se desenvolvem por meio de outras configurações, a partir, por exemplo, da troca entre os conhecimentos específicos a cada integrante, sem necessariamente ter um único responsável por aquele coletivo, como é o caso do Coletivo Atuantes em Cena, Cia Engenharia Cênica e Trupe dos Pensantes.

O Coletivo Atuantes em Cena e a Trupe dos Pensantes se originaram dentro do curso de Licenciatura em Teatro da Urca. Naquele lugar os integrantes foram aproximando suas práticas cênicas por meio de alguns componentes cursados juntos e foram compreendendo que havia certa recorrência nos corpos em conjunto dentro de algumas montagens didáticas. Os estudantes em processo de conclusão do curso firmaram suas parcerias e desejos e se configuraram em grupos de teatro.

A Cia Engenharia Cênica também está ligada ao curso de Licenciatura em Teatro da URCA por outras vias. O núcleo fixo da Cia, formado por dois integrantes, são professores efetivos do Departamento de Teatro da citada universidade, e depois de terem se tornado residentes no Cariri passaram a ligar o trabalho da Cia Engenharia Cênica com o grupo de pesquisa Laboratório de Criação e Recepção Cênica-LaCriRCe/CNPq/URCA, coordenado por esses dois integrantes. Ou seja, a Engenharia Cênica além da produção artística também desloca o olhar para a pesquisa acadêmica, coisa que também é comum aos integrantes do Coletivo Atuantes em Cena e da Trupe dos Pensantes, que estão sempre reflexionando suas práticas também dentro do ambiente acadêmico.

Quando fazemos um mergulho na história de cada grupo, percebemos o quão a relação com Universidade é presente, assim as práticas exercidas pelos integrantes na criação teatral tem muito das referências com os componentes cursados na Universidade. Nesse sentido a forma como a Universidade se estrutura, interfere diretamente na organização desses agrupamentos.

O curso de Licenciatura em Teatro da URCA é diverso, trabalha a experiência por meio da prática teatral e da teoria, e nesses lugares os estudantes passam pelas práticas como atores, educadores, pesquisadores, encenadores, também passam

pelas práticas em que se foca na visualidade, como a iluminação, a cenografia, a maquiagem, dentre outras. Todo o conhecimento é desenvolvido a partir da tríade artista-professor-pesquisador, por isso os estudantes são provocados construir suas práticas pela relação interdisciplinar entre os componentes curriculares.

O Coletivo Atuantes em Cena, quando criado, em dois mil e treze, trouxe consigo muito fortemente a ideia dessa tríade e a ideia de interdisciplinaridade entre as funções artísticas, tanto que os integrantes, hoje composto por seis pessoas, exercem práticas como artistas, como professores e como pesquisadores, algo que no grupo se intensifica como postura ética perante os direcionamentos que o grupo toma na sociedade.

Na Trupe dos Pensantes, criada em 2012, acontece a mesma coisa, de uma forma ainda mais específica, ou seja, internamente o grupo desenvolve projetos voltados para as áreas mais periféricas do eixo CraJuBar (cidades Crato, Juazeiro e Barbalha) e os integrantes trabalham diretamente com aquela comunidade, possibilitando que a pesquisa, atuação como artistas e a prática educativa do grupo se dê muito na relação social a partir das problemáticas decantadas por eles na localidade como material imagético e criativo.

Já a Cia Engenharia Cênica, diferentemente desses dois grupos, tem outra formação, não surge diretamente num curso de graduação, mas, como dito, seus integrantes possuem uma vida totalmente voltada para a academia e ela foi se constituindo e se firmando na linha tênue entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa cênica. Ou seja, a Cia surge na cidade de Sobral em dois mil e cinco, quando um dos integrantes, a Cecília Raiffer retorna para essa cidade após ter concluído o curso de bacharel em Direção teatral da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Conseqüentemente ela retorna para Salvador para desenvolver sua pesquisa de mestrado na UFBA, ao mesmo tempo em que o outro integrante cursava a graduação de bacharel em Interpretação Teatral na mesma Universidade. Após esse momento, tendo residido um tempo na Bahia, os integrantes, primeiramente Cecília Raiffer e depois Luiz Renato, foram aprovados no concurso para professor efetivo do Departamento de Teatro da URCA e por esse intermédio hoje vivem no Cariri e

desenvolvem suas pesquisas cênicas ancoradas ao curso de Licenciatura em Teatro.

Apesar de a base formativa da Cia Engenharia Cênica não estar ligada a URCA e sim a UFBA, a relação entre ser artista-professor-pesquisador também esteve presente ao longo da trajetória dos integrantes da Cia, já que como, pudemos notar as relações desse grupo, dão-se pela realidade de seus próprios integrantes perante suas questões enquanto artistas que também estão inseridos no ambiente acadêmico.

Outra coisa comum entre a Cia Engenharia Cênica, o Coletivo Atuantes em Cena e a Trupe dos Pensantes é a ideia de criação de espetáculos pelo viés processual, ou seja, os espetáculos nascem ao longo de muitos ensaios, os integrantes embarcam no jogo tendo algumas fichas como possibilidades de investigação e ao longo de algumas investidas o espetáculo vai tomando forma.

Na Cia Engenharia Cênica a processualidade está muito ligada a ideia de teatro colaborativo. A Cia geralmente trabalha com artistas convidados, para se aventurar em alguma ideia cênica. Nesse sentido, como metodologia criativa o grupo parte da ideia de imagem propulsora:

É importante informar que essa *imagem propulsora* não corresponde a uma pintura ou uma fotografia, ou seja, não está relacionada a algo que seja pictórico bidimensionalmente ou tridimensionalmente, nos processos da Cia. Engenharia Cênica ela é um hipertexto que apresenta uma narrativa sobre a qual se definem a temática e o sentido para a construção do espetáculo. Esse texto é considerado imagem exatamente por ser ele uma projeção de como se dará o espetáculo. (MOURA, 2014, p.28)

A imagem propulsora possibilita que, por meio do processo de improvisação, a materialidade cênica vá nascendo através de muitos olhares, seja no olhar do encenador, do dramaturgo, do iluminador, do ator. Todos esses corpos inseridos num processo que não se sabe onde vai dar, acabam encontrando caminhos convergentes a ideia inicial e constroem juntos um olhar possível sobre determinada questão.

Essa prática presente na Cia Engenharia Cênica é recorrente nas práticas de atuação das pessoas que integram o corpo fixo desse grupo, e reverberam nos artistas que trabalham diretamente com eles. No Coletivo Atuantes em Cena e na Trupe dos Pensantes os integrantes também estão sempre em busca de encontrar o lugar na criação em que todos os envolvidos construam sua autonomia e autorialidade sobre a obra cênica.

No Coletivo Atuantes em Cena, por exemplo, as ideias criativas são sempre compartilhadas, dialogadas, acolhidas, ou não. Os processos são construídos sempre pelos desejos e necessidades do grupo e há a necessidade de comprometimento de todos no projeto em curso, mesmo que todos não estejam envolvidos diretamente com o processo, no que diz respeito a sala de ensaio, mas enquanto grupalidade, é necessário para esse coletivo que os integrantes exerçam o olhar crítico sobre as decisões do grupo, o que gera a noção de autorialidade dentro do coletivo.

Na Trupe dos Pensantes o grupo trabalha em torno da discussão dos problemas sócio-políticos, então mais que o comprometimento dos integrantes nas relações estabelecidas individualmente e enquanto processo, há também uma relação bastante pedagógica com o espectador que o grupo espera alcançar. Por esse motivo, os processos criativos dos mesmos giram em torno de muitas discussões acerca da questão levantada como proposição cênica, partindo posteriormente para ideia de criação cênica pelo viés da análise ativa a tudo o que se produz.

De um modo ou de outro, esses grupos tem se aprofundado muito nas questões que se ligam ao processo de criação, como uma necessidade de compartilhamento de saberes, desmistificando a ideia de um único diretor ou um único dramaturgo como responsável maior pela construção cênica. Essa prática dentro dos grupos se reverbera num lugar bastante curioso, que é necessidade de que todos os elementos que compõem a montagem teatral se façam presentes, de alguma forma ao longo de toda a criação. É nesse lugar que nos interessa chegar nessa discussão, ou seja, o lugar do compartilhamento entre os conhecimentos dentro do processo criativo estaria ligado mais especificamente a estrutura de teatro de grupo, ou a forma como esses integrantes se percebem como criadores na cena teatral?

Ao refletir sobre essa questão, vemos que no caso dos grupos trazidos para essa discussão, as duas coisas continuamente se complementam. Primeiro, a forma como o Coletivo Atuantes em Cena, a Trupe dos Pensantes e a Cia Engenharia Cênica estão estruturadas, já pressupõem que a criação cênica deve estar ligada as questões mais gerais do coletivo, e o coletivo traz como imagem primeira a figura de vários olhos atentos e responsáveis por aquele grupo. Nesse sentido, as produções artísticas ligadas ao grupo são incorporadas por todos os envolvidos de forma mais geral.

Segundo, enquanto individualidade, e criação dentro da sala de ensaio, vemos também que a questão da formação irrompe na atuação desses artistas. Nesse sentido, o curso de Licenciatura em Teatro da URCA, pelas questões da interdisciplinaridade, provocam no corpo do discente a percepção do diálogo entre os elementos que constituem a cena teatral, assim o fato de os integrantes da Trupe dos Pensantes e Coletivo Atuantes em Cena terem se gerado no âmbito acadêmico, faz com que a prática de compartilhamento enquanto criação cênica também esteja presente nesses coletivos. E no caso da Cia Engenharia Cênica também acontece a mesma coisa, pois é dentro do processo de criação, que os artistas vão configurando e fortificando a ideia primeira da criação, e para isso é necessário a escuta e a proposição para que os elementos cênicos se constituam em diálogo.

Diante de tudo, vemos que há duas esferas constitutivas que ligam os integrantes ao grupo e fazem com que os mesmos possam ver o seu processo individual como uma construção coletiva. Assim, há primeiramente a ideia de um grupo de teatro, em que há várias individualidades inseridas e que conseguem conversar em prol daquele coletivo, sem que haja nesse lugar funções pré-determinadas, e secundamente a ideia de criação cênica, em que é o espaço de experimento e fruição dos desejos cênicos dos integrantes, havendo nesse lugar a definição de funções, que se afirmam pela relação de proximidade com o olhar de cada artista ligado a criação. Há, nesse sentido, um compartilhamento entre os saberes, possibilitando que a arte teatral nesses grupos se dê pelo envolvimento mais geral dos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer teatro em grupo é uma escolha, antes de tudo individual, pois há uma relação ligada entre doação e desprendimento do sujeito em prol do coletivo. O coletivo, quando reunido aprende que as questões do fazer teatral são ampliadas para além da criação de espetáculos.

No caso, por exemplo, da Trupe dos Pensantes, da Cia Engenharia Cênica e do Coletivo Atuantes em Cena, os artistas se envolvem na região do Cariri dentro das questões mais gerais, e vão diante disso, amplificando suas possibilidades artísticas e construindo politicamente seus olhares como sujeitos.

A ideia de discutir o grupo de teatro como lugar de fruição artística e lugar de compartilhamento de saberes está ancorada na possibilidade de perceber o movimento artístico da região do Cariri nos últimos anos. Esses grupos vêm se estruturando dentro de um esquema articulado de afirmação do lugar e de suas poéticas. Nesse sentido, cabe-nos reconhecer que essa prática está em movimento e que os grupos têm muitas dificuldades de manutenção, pois apesar da diversidade artística presente na região, as possibilidades de rendas são instáveis, os espaços de recepção artística como os SESC's, o CCBNB não suprem cotidianamente a produtividade da região, não há editais municipais para atividades artísticas e até mesmo os teatros municipais são desabitados pelos grupos, porque o lugar não tem infraestrutura mínima de recepção, além de ter alguns que não funcionam mais.

Consideramos, pois, que apesar de o teatro na região do Cariri seguir vias díspares, ou seja, de um lado a produção efervescente e do outro a falta de incentivo maior por parte do poder público, é necessário que esses coletivos resistam cada qual no seu fazer, como tem resistido os grupos apresentados aqui, para que as redes artísticas se tornem cada vez mais fortes e cada qual possa gerar potências criativas a partir de olhares múltiplos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Antônio. *A gênese da Vertigem: O processo de criação de O Paraíso Perdido*. São Paulo, Perspectiva, 2011.

CARREIRA, André. *O teatro de grupo e a renovação do teatro no Brasil*. Disponível em <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/historia/Andre%20Carreira%20%20O%20TEATRO>

[%20DE%20GRUPO%20E%20A%20RENOVACAO%20DO%20TEATRO%20NO%20BRASIL.pdf](#).

Acessado em 13 de Novembro de 2016.

FERREIRA, Cecília. *Cena e Jogo: O Imaginário na Carne*. (dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, 2009.

HEMANUELA, Carla *Entrevista realizada para escrita da dissertação*. – Juazeiro do Norte, CE, arquivo pessoal dos autores, 2017.

MATIAS, Bárbara Leite. *Cotidiano de teatro de grupo no Cariri cearense: Ninho de Teatro e Coletivo Atuantes em Cena*. (dissertação de Mestrado).- UFU, MG, 2017.

MOURA, Luiz Renato. *A iluminação Cênica no Trabalho do ator de Teatro*. (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2014.

RAIFFER, Cecília. *Três pontos sem ponto final*. – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

RAIFFER, Cecília. *Entrevista realizada para escrita da dissertação*. – Juazeiro do Norte, CE, arquivo pessoal dos autores, 2017.

ROCHA, Fernando. *O ritual do ator em grupo: Treinamento de Atores como Cultura Coletiva*. Jundiaí, SP: Paco, 2017.